

Um ensaio sobre o Caso Dora a partir do quadro Madona Sistina

Eliane Souto de Abreu¹

Como citar:

Abreu, ES. **Um ensaio sobre o caso Dora a partir do quadro Madona Sistina**. Reverie: Revista de Psicanálise, v. 10, p. 98-109, 2017.

Resumo

No relato de seu segundo sonho a Freud, Dora menciona a pintura de Rafael Sânzio “A Madona Sistina”. Utilizamos as personagens do quadro, particularmente Santa Bárbara, para novas possibilidades interpretativas do caso. Assim como Dora, Bárbara foi uma virgem perseguida na floresta por um homem abusivo, seu próprio pai. Donzelas sozinhas em florestas povoam o imaginário, criando histórias como Chapeuzinho Vermelho, Santa Bárbara, princesas raptadas, fadas, ninfas e amazonas, nas mais diversas culturas. Na floresta, a virgem enfrenta poderosas forças, interpretadas pela psicanálise como inconscientes, advindas das intensas transformações e pulsões próprias desse momento da vida feminina - a adolescência. O caso Dora é visto como uma análise de adolescente, com suas peculiaridades na transferência e contratransferência. O analista e os adultos que rodeiam a jovem precisam ter compreensão desse processo para ajudá-la a sair da floresta por si mesma e pelo melhor caminho.

Palavras-chave

Dora (01.07.02); Psicanálise adolescente (06.04.01); Psicossexualidade (01.03.01).

On Dora's Case, considering the Sistine Madonna painting

Abstract

During her analysis with Freud, the teenager Dora mentioned Raphael Sanzio's painting "The Sistine Madonna". The study of the painting's characters, particularly Saint Barbara, allows new interpretive possibilities. Like Dora, Saint Barbara was a virgin chased in the woods by an abusive man, her own father. Maidens alone in forests occupy the imaginary, creating stories like Little Red Riding Hood, Saint Barbara, and mythical figures as kidnapped princesses, fairies, nymphs and Amazons, in many cultures. In the forest, the virgin faces powerful forces, interpreted by psychoanalysis as unconscious, originating from the intense transformations and instincts in this moment of female life – the adolescence. Dora's case is considered a case of adolescent psychoanalysis, with its own singularities in transference and countertransference. The analyst and the adults who surround the girl need to understand this process in order to help her to leave the woods by herself and through the best way.

Keywords: Psychoanalysis and art; Adolescent Psychoanalysis; Sexuality

¹ Psicanalista Associada da SPFOR (Sociedade Psicanalítica de Fortaleza), Psiquiatra e Professora Assistente Doutora do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza (Unifor).

Um ensaio sobre o Caso Dora a partir do quadro *Madona Sistina*

Existe no Caso Dora, de Freud (1905), uma associação livre fornecida pela moça ao segundo sonho narrado a ele. Ela diz que durante uma visita a Dresden, “... Demorou-se duas horas em frente à *Madona Sistina*, absorta em muda admiração”. Freud pergunta o que tanto a atraía no quadro, mas ela “... não encontrou uma resposta definida. Finalmente respondeu: a *Madona*” (Freud, 1905). Essa latência de resposta poderia indicar que ela foi construída para satisfazer ao analista? Resposta óbvia e “mais correta”, ocultando aquilo que realmente mobilizou a moça? Embora Freud declare que o quadro foi um “ponto nodal” no sonho de Dora e que ele gostaria de deter-se no tema da *Madona*, da “*Virgem-Mãe*”, rapidamente envereda por outras interpretações (Freud, 1905) e não retorna a ele. Parece-nos que esse “ponto nodal” não recebeu uma atenção mais cuidadosa na literatura psicanalítica.

A *Madona Sistina* (ver figura anexa²) é a última das várias madonas de Rafael Sânzio, feita para adornar a abadia de São Xisto (ou *Sistus*, daí *Sistina*). Num ambiente celestial, emoldurado por cortinas, estão no alto a Virgem Maria e o Menino Jesus em seus braços; à direita está Santa Bárbara e à esquerda São Xisto, que retirou a coroa papal, em sinal de humildade, depositando-a no canto esquerdo inferior do quadro. Abaixo de todos, como que debruçados num balcão ou janela, estão dois anjos, famosos na história da arte e hoje na cultura *pop*, retratados em cartões de Natal, camisetas, canecas e todo tipo de produto (Collins, n.d.).

São Xisto, um homem que aparenta bastante idade, olha humildemente para a Virgem e o menino, e aponta para o espectador, como que intercedendo pelos homens junto a Ela. Do outro lado, Santa Bárbara, uma bela jovem, mantém a cabeça baixa e desvia o olhar da Virgem (Collins, n.d.).

O que há neste quadro de temática cristã e particularmente católica – a maternidade de Maria, mãe de Jesus – que atraiu o olhar dessa moça judia por tanto tempo? Devem estar presentes fortes simbolismos universais, não restritos aos cristãos.

São Xisto foi papa da Igreja no 4º século, sendo reconhecido como grande normatizador de costumes, escrevendo diversas obras para a orientação dos fiéis (Catholic Encyclopedia, n.d.).

Bárbara viveu no 4º século, pertencendo a rica família pagã romana. Viúvo, seu pai a mantinha presa numa torre, para afastá-la dos olhares masculinos, cerceando sua liberdade. Bárbara recusou todos os casamentos arranjados por seu pai. Convertendo-se ao cristianismo, provoca a ira e castigos paternos. Ela consegue fugir, refugiando-se numa caverna, dentro de uma floresta. Depois de muitas reviravoltas, o pai a encontra e a entrega às autoridades para ser julgada. Tendo ela recebido a pena de morte, seu carrasco foi o próprio pai, que a decapitou. Imediatamente, um raio caiu do céu sobre ele, que morreu fulminado. Daí Santa Bárbara ser a protetora contra raios e tempestades (Voragine, 2002).

No quadro de Rafael, A Virgem segura seu filho, apresentando-o ao mundo. Seu rosto é indecifrável, talvez assustado. É uma menina que acabou de entrar na adolescência, ainda com traços infantis. Vassili Grossman, escritor russo também judeu como Dora, sobrevivente do Holocausto e da matança dos judeus soviéticos por Stálin, viu o quadro. Num texto impactante descreveu que o próprio menino Jesus parece “mais adulto” que ela e que é “comovente o desamparo desta quase criança precocemente mãe...” (Grossman, 2010). São Xisto parece também frágil, um homem idoso incapaz de proteger mesmo a si, quanto mais aos seus seguidores.

² O uso da imagem foi adquirido e autorizado junto à *Gemäldegalerie Alte Meister, Staatliche Kunstsammlungen Dresden*.



Figura 1: A Madona Sistina, de Rafael Sânzio

Fonte: *Gemäldegalerie Alte Meister, Staatliche Kunstsammlungen, Dresden*. (Foto: Elke Estel e Hans-Peter Klut).

A figura de Santa Bárbara no quadro é enigmática. Bárbara está ricamente vestida, com os cabelos presos num belo penteado, como deve se apresentar uma donzela de alta casta social. Atrás, e entre ela e a cortina podemos notar a torre, elemento de sua história. Curiosamente, Bárbara retira o olhar da Virgem Maria, mas não parece olhar para o espectador. Sinal de humildade e recato? Olharia para os anjos? Estes também não olham para a Virgem, que deveria ser em princípio a figura mais importante do quadro, mas voltam o olhar para Bárbara.

Sendo judia, é razoável supor que Dora não conhecesse detalhes históricos sobre os personagens do quadro. No entanto, como possível admiradora de arte, e considerando o tempo que passou em frente ao quadro, essa hipótese tem que ser levada em conta. De qualquer forma, o conhecimento consciente de Dora sobre os personagens do quadro não é imprescindível, pois seu inconsciente pode ter captado simbolismos universais. Sabemos mais do que percebemos saber.

Dora poderia ter-se identificado com Bárbara, e não com a Virgem. Como Bárbara, sujeita a um pai que não a protege, a um substituto do pai que a persegue na floresta, o senhor K., e a uma mãe distante, inatingível em sua “psicose doméstica”, uma mulher que repudia o sexo. Sobre ela o pai de Dora diz “... nada consigo de minha mulher” (Freud, 1905), já que esta não quer ser contaminada pela sujeira do pênis de seu marido, tratado anteriormente de sífilis. Ela quer seu ambiente imaculado, e não quer tomar contato com os desejos conscientes e inconscientes em torno dela. Dora, como Bárbara, quer dar as costas para esse destino. Ela recusa a submissão e conformismo da menina obrigada a ser mãe. Interpretada por Freud: “Os homens são tão abomináveis, que será melhor que eu não me case. Essa será a minha vingança.” (Freud, 1905). Os anjos olham curiosos para Bárbara / Dora: o que será que ela vai fazer?

A adolescência é fruto do século XX. Até então, a menina passava das mãos dos pais para as do marido e assumia seu posto como dona de casa e mãe. O menino começava a trabalhar mais cedo e iniciava sua vida sexual com prostitutas, muitas vezes contratadas pelo pai (Roudinesco, 2003). Para meninos e meninas de então, a iniciação sexual era bastante traumática. A sexualidade é traumática, mas hoje temos mais conhecimento psicanalítico para tentar compreender a torrente pulsional que toma conta do adolescente, com sua natural indefinição da orientação sexual, os impulsos hostis, a curiosidade, a impulsividade, o desejo de amar e ser amado, de explorar seu corpo e o do outro...

O adolescente é uma obra não-acabada e ainda necessita daquilo que Winnicott (1960) ressaltou na mãe suficientemente boa: o *holding*, a continência, a capacidade de suportar suas angústias e necessidades emocionais sem sufocá-lo, e ao mesmo tempo frustrá-lo, confrontando-o com as realidades externa e interna. Os pais e o analista devem ter essas qualidades. É possível que a valorização da adolescência, como espaço protegido para as vivências e experimentações da sexualidade seja um dos fatores que tornaram os grandes estados histéricos menos comuns. Isso não significa que a adolescência esteja a salvo.

Hoje assistimos a adolescência precocizada, prolongada e hiperssexualizada. Há alguns anos, em nosso país, o Supremo Tribunal Federal inocentou um homem adulto de violência sexual contra uma menina de 12 anos, porque esta teria dito que “pintou uma vontade” (Policarpo Junior, 1997). Contudo, tanto o abusador quanto o juiz deveriam protegê-la percebendo - mesmo intuitivamente - que lhe faltava maturidade para saber o que fazer com sua sexualidade. O abusador ao contrário, se aproveita, como o casal K., e um dos juízes explica seu voto: “Nos nossos dias não há crianças, mas moças de 12 anos. Precocemente amadurecidas, a maioria delas já conta com discernimento bastante para reagir ante eventuais adversidades”. É quase uma transcrição das palavras de Freud: “Em minha opinião, uma moça normal resolveria uma situação desta espécie sozinha.” (Freud, 1905). Não, crianças dessa idade não devem ser deixadas sozinhas na floresta infestada de lobos, mesmo que pensem estar se divertindo.

Nenhuma criança, tenha ela nascido numa família tradicional, monoparental, homoparental ou

criada num orfanato, escapa à pulsão erótica, que recrudescer no adolescente (Nasio, 2007). Essa pulsão erótica vai ser dirigida aos adultos em seu redor, quer sejam eles os pais ou seus substitutos. Pais, tios, professores, padres, babás, cuidadores de creche, treinadores, ídolos de futebol, da música ou do cinema, psicanalistas, médicos, ... Todos podemos ser alvos dessa pulsão.

Professores e juízes estão entre os profissionais que “... sabem que têm uma função especial – a de cuidar - e que representam fundamentalmente a figura do pai” (Marchon, 2005). Não faz parte da tarefa de cuidar corresponder sexualmente ao investimento libidinal das crianças e jovens, neste momento em que o desejo intenso ainda não conta com a maturidade para lhe dar melhor vazão. As neurociências confirmam que a maturação cerebral humana só se dá após os 20 anos, principalmente no que se refere à capacidade de julgamento, de decisão e de controle dos impulsos (Giedd, 2010).

Graças ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nenhum adulto pode alegar desconhecimento psicanalítico como álibi para o abuso. Em seu Artigo 18 o ECA (1990) diz: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (grifos nossos). Incluindo-se aí os de ordem sexual.

Os adultos em torno de Dora não podem conter suas ansiedades adolescentes, envolvidos que estão com seus próprios conflitos e desejos. E Freud também não consegue, neste momento de sua carreira, perceber a necessidade de ser não só imparcial, não só honesto e científico, mas também continente. Assim, São Xisto pode representar tanto o pai lascivo e doente, como também Freud, o homem poderoso, mas frágil e assustado diante da sexualidade de Dora, com a transferência e com sua contratransferência. Mesmo quando Dora volta a procurá-lo, mais de um ano depois do abandono, ele está ressentido, sem perceber seus sentimentos contratransferenciais: “... percebi que não estava sendo sincera... não compreendi que tipo de ajuda ela queria de mim, mas prometi perdô-la por ter-me privado da satisfação de curá-la...” (Freud, 1905). Parece-nos claro o tipo de ajuda que Dora queria: retomar sua análise com Freud, que ele fosse o adulto em quem ela pudesse confiar, a figura continente para fazer sua transferência de maneira total e segura. Mas talvez Dora tenha percebido que, mais uma vez, isso não seria possível.

Dora era uma adolescente exposta, possivelmente desde a tenra infância, a um ambiente permissivo, ambivalente e de hiperssexualidade. Podemos imaginar o quão difícil deve ter sido, para ela, entrar na latência. Assim, enquanto seu irmão, mais favorecido pela atenção materna, escrevia uma peça teatral aos 9 anos, ela adoecia (Appigananesi & Forrester, 2007).

No segundo sonho de Dora, ela “penetra” numa “floresta espessa” (Freud, 1905). Parece que donzelas sozinhas em florestas povoam o imaginário em culturas e tempos históricos diversos, alimentando a história de Santa Bárbara, contos de fadas como “Chapeuzinho Vermelho” e outros mitos. Na mitologia grega, as ninfas são deusas menores, eternamente jovens, que representam a união úmida e fecundante da terra com a água. Vivem principalmente no interior dos bosques, à beira de rios. São sempre generosas com os homens, graciosas e sedutoras (Brandão, 1998). Vale lembrar, como afirma o próprio Freud em seu texto, que “ninfas” designam também os “pequenos lábios, que estão no fundo do ‘denso bosque’ de pelos púbicos” (Freud, 1905).

No polo oposto, as Amazonas são agressivas e intolerantes com os homens, utilizados por elas apenas para procriação. Seu reino foi sempre imaginado além das terras conhecidas, dentro de florestas misteriosas (Brandão, 1998). Há um mito correspondente indígena das Amazonas (Andrade e Silva, 1999). Também entre os índios surge o mito da lara (Yara ou Uíara), uma linda e sensual jovem tupi, que se mantinha indiferente aos pretendentes. Uma das versões do mito diz que ela caminhava pela floresta quando foi surpreendida por um grupo de homens que a violentaram e jogaram seu corpo num rio. Transformada num ser metade humana, metade peixe, ela abraça, sedutora, os homens à beira do rio, e

os arrasta para a morte nas profundezas das águas (Andrade e Silva, 1999).

Nos contos de fadas, Bela Adormecida, Rapunzel e Branca de Neve estão dentro da floresta com sua sexualidade escondida ou latente, para ser despertada por príncipes dispostos a enfrentar as mais duras provas. Todas elas foram perseguidas por mulheres mais velhas, invejosas de sua beleza. No conto original de Branca de Neve é sua própria mãe a bruxa que tenta matá-la. Lembremos também do Pequeno Polegar e de João e Maria, jogados na floresta por seus próprios pais (J. Grimm, W. Grimm, 2012). Essas histórias nos dizem que a sexualidade infantil e adolescente atrai e assusta o adulto, o qual muitas vezes, ao invés de tentar compreendê-la e ajudar o adolescente a lidar com ela, a sufoca ou perverte. Talvez a metáfora seja mais evidente nas histórias de Chapeuzinho Vermelho e Santa Bárbara.

Numa nota posterior, Freud diz que há relação do sonho com seu sobrenome. Dora na verdade é Ida Bauer, e bauer, em alemão significa bosque. Portanto, é dentro de si mesma, e da floresta espessa de seu sexo e sexualidade que Dora precisa de ajuda para lidar com os perigos – com o ardor dos desejos juvenis de sua “casa em chamas” (Freud, 1905). Mas essas adolescentes – Dora, Bárbara e Chapeuzinho – não puderam contar com figuras parentais confiáveis. Foram perseguidas, assediadas e abandonadas aos lobos. A mãe de Chapeuzinho a lança dentro da floresta sozinha. Que mãe suficientemente boa faria isso? E se a vovó não tiver sido “comida” pelo lobo? E se ela for o lobo? A mulher velha invejando o frescor e a sexualidade florescente da jovem, e tentando devorá-la, num movimento ao mesmo tempo de destruição e incorporação dessas qualidades. Chapeuzinho ainda pôde contar com o caçador, o homem salvador que a reconduz. Bárbara foi encontrada pelo pai, que a levou à morte. E é sozinha que Dora precisa entrar e sair da floresta.

Dora / Ida se casou em 1903, um ano depois de sua última visita a Freud, com um empregado de seu pai. Não se conhecem as motivações desse casamento, que parece ter sido infeliz. Os dois suportes emocionais de Ida durante sua vida adulta foram seu irmão e seu filho, Kurt Herbert Adler. É com ele ao piano, ainda criança, que Ida posa para a única foto disponível de sua vida adulta. Seu filho migrou para os EUA, tornando-se renomado regente da Ópera de San Francisco. Um detalhe interessante é que Kurt chegou a trabalhar com Herbert Graf, o pequeno Hans (Appigananesi e Forrester, 2010; Gay, 2008).

Felix Deutsch foi um médico que atendeu a Freud e anos depois, em 1922, também a Ida Bauer, e reconheceu nela a adolescente Dora. Ele a retrata de maneira bastante negativa: uma mulher ressentida com os homens, frígida, “uma das histéricas mais repugnantes” que ele havia conhecido (Appigananesi e Forrester, 2010; Gay, 2008).

É possível que essa descrição seja parcial e preconceituosa. Depois de deixar Freud, Dora tornou-se professora de *bridge* de outras mulheres. A Sra. K estava ao seu lado nessa atividade. (Appigananesi e Forrester, 2010). É como se Dora / Ida tivesse criado um espaço possível para o seu amor pela Sra. K., excluindo os homens nesse jogo.

Recusando as propostas perversas de seu pai e do casal K., e diante das poucas alternativas para as moças de sua época, parece que Dora saiu da floresta pelo melhor caminho que conseguiu encontrar.

Referências

- Andrade e Silva, W. (1999) **Lendas e mitos dos índios brasileiros**. São Paulo: FTD, 2ª ed.
- Appigananesi, L. & Forrester, J. (2010) **Dora: Um fracasso exemplar**. As mulheres de Freud (Nana Vaz Castro & Sofia de Sousa Silva, trad). (cap. 5, pp. 241 – 270). Rio de Janeiro: Record. (Obra original publicada em 2001).
- Brandão, J.S. **Mitologia Grega**. (1998) Petrópolis: Ed. Vozes, Vols. I (12ª ed.), II (9ª ed.) e III (8ª ed.).
- Brasil. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. (1990) Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 4 Jan. 2013.
- Catholic Encyclopedia (n.d.). **Pope Saint Sixtus**. Recuperado em 2 Dezembro, 2011, de www.newadvent.org/cathen/14032a.htm. (Obra original publicada em 1917).
- Collins, N. (n.d.). **The Sistine Madonna by Raphael**. *Encyclopedia of Art Education*. Recuperado em 2 Dezembro, 2011, de <http://www.visual-arts-cork.com/famous-paintings/sistine-madonna.htm>.
- Freud, S. (1905/1972). **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (Jayme Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago, (vol. 7, pp. 1 – 119). (Obra original publicada em 1905).
- Gay, P. (2008) Terapia e Técnica. **Freud: Uma vida para o nosso tempo**. (Denise Bottmanns, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, (cap. 6, pp. 232 – 241). (Obra original publicada em 1988).
- Giedd, N. (2010) **Adolescent brain maturation**. Paus, T. (Ed. Tópico). In: Tremblay, R.E., Boivin, M., Peters, R. de V. (Eds). *Encyclopedia on Early Childhood Development*. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development and Strategic Knowledge Cluster on Early Child Development: p.1-5. Disponível em: www.child-encyclopedia.com/documents/GieddANGxp.pdf. Acesso em: 4 Jan. 2013.
- Grimm, J.; Grimm, W. (2012) **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosac Naify, Tomos 1 e 2 (Obras originais publicadas entre 1812 e 1815).
- Grossman, V. (2010). A Madona Sistina (trecho traduzido). *Revista Piauí*, ed. 51. Recuperado em 1º de Abril de 2012, de <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-51/espelhos-de-guerra/a-madonna-sistina>. (Obra original publicada em 1955).
- Marchon, P. (2005) **Questões éticas na transferência e na confidencialidade**. *Rev. Bras. Psicanál.*, vol. 39, nº 3, p.21-6.
- Nasio, J-D. (2007) **Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Policarpo Jr. (1996) "**Pintou uma vontade**". Revista Veja, 1445 (21), Ano 29, p. 36. Recuperado em 21 Março, 2012, de <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

Roudinesco, E. (2003). **A família em desordem** (André Telles, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 2002).

Voragine, J. (2002) **Here Beginneth the Life of Saint Barbara**. Lives of the Saints. Recuperado em 2 Dezembro, 2011, de www.aug.edu/augusta/iconography/goldenLegend/barbara.htm. (Obra original publicada em 1470).

Winnicott, D.W. (1960/2007) **O ambiente e os processos de maturação**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Rio de Janeiro: Imago.